

## Todo Carnaval Tem seu Fim



Com o título desse texto, cito a música de Los Hermanos, que canta a fugacidade da alegria do carnaval. Roberta Sá chama esse tempo de 'outra ilusão' (Novo Amor), embora também peça um amor 'que pelo menos dure enquanto é carnaval' (Cicatrizes). Vinicius de Moraes e Tom Jobim igualmente não botavam muita fé na principal festa nacional, pois a chamaram de 'grande ilusão' (A Felicidade).

A grande culpada pelo fim da alegria do carnaval é a pobre da quarta-feira de cinzas: 'quarta-feira, queira ou não queira terminou o carnaval' (Novo Amor), 'e tudo se acabar na quarta-feira' (A Felicidade). Dos dias de festejo, afirmava Nara Leão, 'saudades e cinzas foi o que restou' (Marcha de Quarta-feira de Cinzas).

As cinzas são reminiscências do caráter religioso da festa e do costume antigo de usá-las como marca de humilhação ou contrição. Nos profetas encontramos: 'Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza' (Dn 9:3) e 'chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinza' (Jn 3:6).

Carnaval provavelmente vem de carne levar (remover a carne), referência à restrição alimentar católica na quaresma. A terça gorda (mardi gras em francês), mais conhecida como terça de carnaval, era um dia de grande festa porque as pessoas limpavam suas despensas de coisas como manteiga, ovos, queijo, carne e faziam refeições mais 'remosas', daí o hábito de alguns países europeus de fazer e comer panquecas e waffles nesse dia pouco fitness. Segundo o historiador britânico Peter Burke (Cultura Popular na Idade Moderna), as pessoas comiam, em um dia, o equivalente a dois meses de despensa e carne suficiente para viajar do oeste europeu para Constantinopla ou para a América. Também bebiam como se não houvesse amanhã.

Não é unanimidade que o carnaval se originou da tentativa da Igreja Católica de cristianizar festas da antiguidade pagã (dionisíaca e/ou saturnália), mas que a festa virou algo completamente anticristão é um fato. O aspecto religioso restou apenas na história. Para Roberto DaMatta, antropólogo brasileiro, a festa significa, dentre outras coisas, um tempo de deixar a rotina (que nos atormenta com suas regras) para ter um tempo de ser feliz 'antes da disciplina rígida que manda 'abandonar a carne' (carne levar), a orgia' (O que diz o Carnaval?).

A 'lógica do carnaval' não é errada apenas porque se tornou uma festa completamente libertina. A própria perspectiva religiosa dela é equivocada. A ideia de liberação para o pecado ou para excessos por trás do carnaval católico, como mostra Abraham Kuyper (Calvinismo), é a expressão máxima da visão católica dualista que faz uma cisão, esquizofrenia purinha, entre sagrado e profano. Nessa cosmovisão, a santidade diz respeito apenas aos aspectos religiosos da vida (família, missa e dias santos) enquanto as outras esferas da vida pertencem à própria pessoa (amantes, trabalho e os outros dias do calendário). Esse dualismo esquizofrênico é claramente praticado no carnaval.

A Escritura afirma que 'Deus é o Rei de toda a terra' (Salmo 47:7), para citar apenas um exemplo das inúmeras passagens que falam

do controle absoluto dEle sobre tudo. Tem gente, no entanto, que pensa que existem 'setores' de sua vida que ela pode controlar e orientar à revelia do Todo-Poderoso. Ao invés de viver para a glória do Criador na totalidade da vida, tal pessoa pensa que o carnaval não é da conta de Deus, pois nesses dias é dada à carne a oportunidade de 'esvaziar até a última gota o copo cheio de prazer, se não de euforia e insensatez, antes de retirar-se para o vale da contrição?' (Calvinismo).

Leitor cristão, Deus quer sua vida toda, todas as áreas dela. Não existem esferas ou dias de sua vida que nosso Pai não queira transformar. Cristo morreu para santificar você por completo (todos os aspectos de sua existência) e completamente (Ele, no último dia, consumará essa obra).

Já você, leitor que não é cristão, não se iluda! Como vimos, a própria MPB atesta, para usar a linguagem bíblica do Livro de Eclesiastes, que colocar o sentido da vida nos dias de prazer desenfreado do carnaval é vaidade, inutilidade, é correr atrás do vento. A verdadeira felicidade, diferente do carnaval, não tem fim. O Livro do Apocalipse testifica: 'Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos?' (Ap 22.1-5). É verdade que ainda não podemos aproveitar na história o total esplendor das alegrias da eternidade, mas os ensaios já começaram e você pode fazer parte deles!

Por **Flávio Américo**, pastor na Primeira Igreja Presbiteriana de Natal.